

Filosofia da Religião



Vamos supor que 4 pessoas estão a discutir a existência de Deus, mas um acredita em Shiva, outro em Krishna, outro no Deus judaico-cristão e outro é budista.



Dado tratar-se de deuses ou crenças com características diferentes seria uma conversa produtiva?

Vamos ouvir , Graham Green



Sarah Miles vê o amor da sua vida, Maurice, morrer numa explosão e em desespero vira-se para Deus, apesar de não ser crente e reza por um milagre. Promete sacrifício e reza para que um milagre aconteça. Se Deus devolver a vida a Maurice, ela faz-se devota a Deus e abdica do seu amor. O milagre acontece e Sarah termina a sua relação e torna-se devota.

1. **Que razões tem Sarah para passar a acreditar em Deus?**
2. **Achas que são boas razões?**
3. **Quais são as principais razões que levam as pessoas em todo o mundo a acreditar em Deus?**
4. **Faz uma lista de razões que te levam a acreditar em Deus.**
5. **Qual é que achas que é a razão mais forte para acreditar em Deus?**

Por que é que as pessoas acreditam em Deus?

Será porque têm uma experiência mística intensa como a de Sarah Miles? Ou porque sentem a presença divina? Ou porque as pessoas encontram algumas pistas ou indícios no mundo da presença divina? Ou então porque acreditam na autoridade da igreja?

Os filósofos não se contentam com as respostas mais fáceis e procuram ir mais longe.

Desta lista de crenças algumas são razoáveis e outras não

- *Existe vida extraterrestre*
- *Os unicórnios costumam visitar-me aos sábados*
- *Um crocodilo escreveu uma teoria de filosofia*
 - $E=mc^2$
- *Existem 9 planetas no sistema solar.*
- *Olhar diretamente o sol faz espirrar*
- *O professor Rolando Almeida foi contratado pelo Real de Madrid FC*

Alguns problemas da filosofia da religião

- Problema da existência de Deus (ou deuses)
- Problema da natureza da crença (epistemologia da crença)
 - Problema dos milagres
 - Problema do mal
- Problema da vida depois da morte

O que a filosofia da religião não é?



O que a filosofia da religião é:

Estudo crítico dos conceitos e das crenças religiosas.

Mas o que temos de estudar?

A dimensão religiosa — análise e compreensão da experiência religiosa [Filosofia da Religião]

Religião, razão e fé

O problema da existência de Deus.

O conceito teísta de Deus.

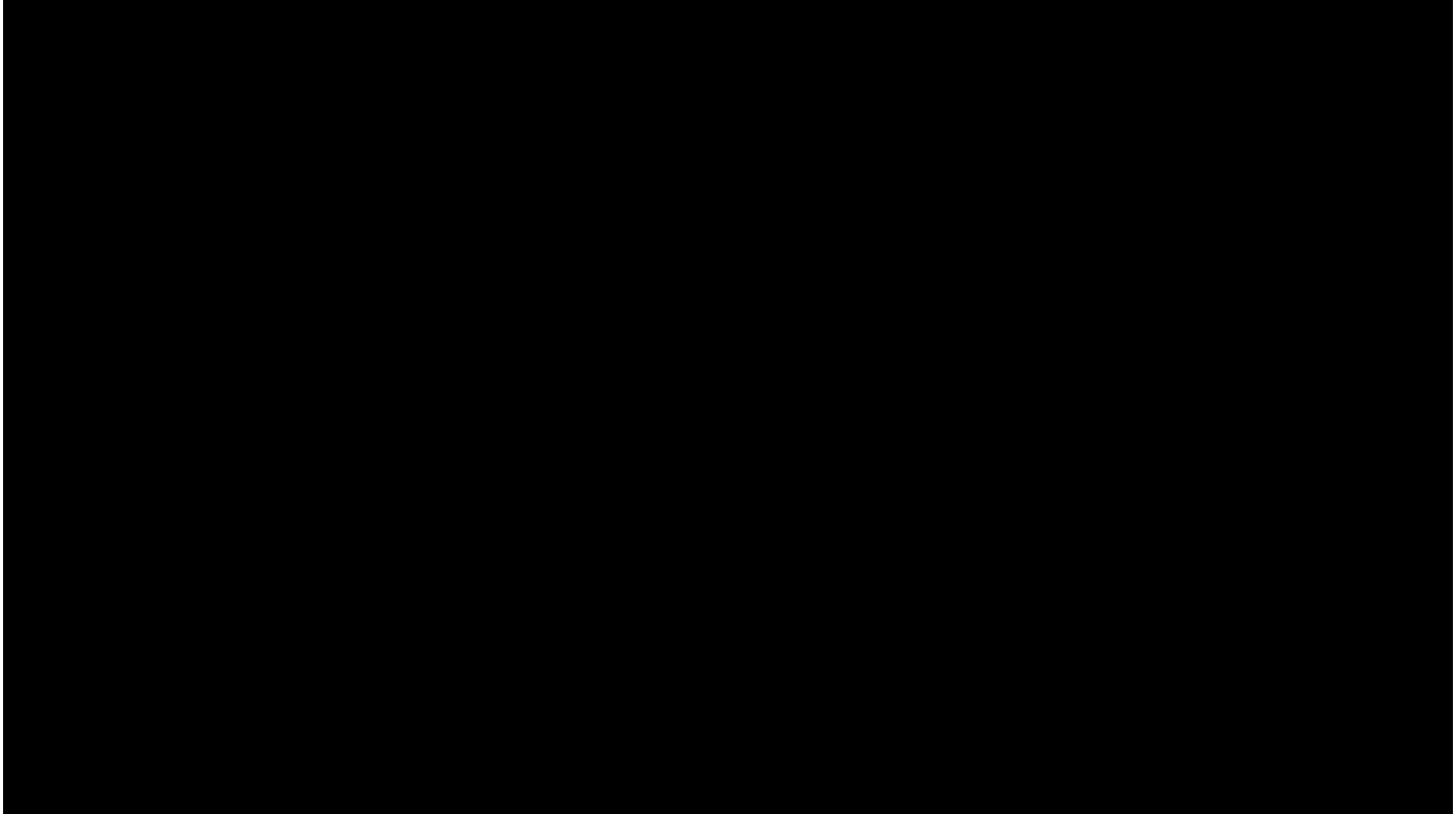
Argumentos sobre a existência de Deus: cosmológico e teleológico (Tomás de Aquino); argumento ontológico (Anselmo).

O fideísmo de Pascal.

O argumento do mal para a discussão da existência de Deus (Leibniz).

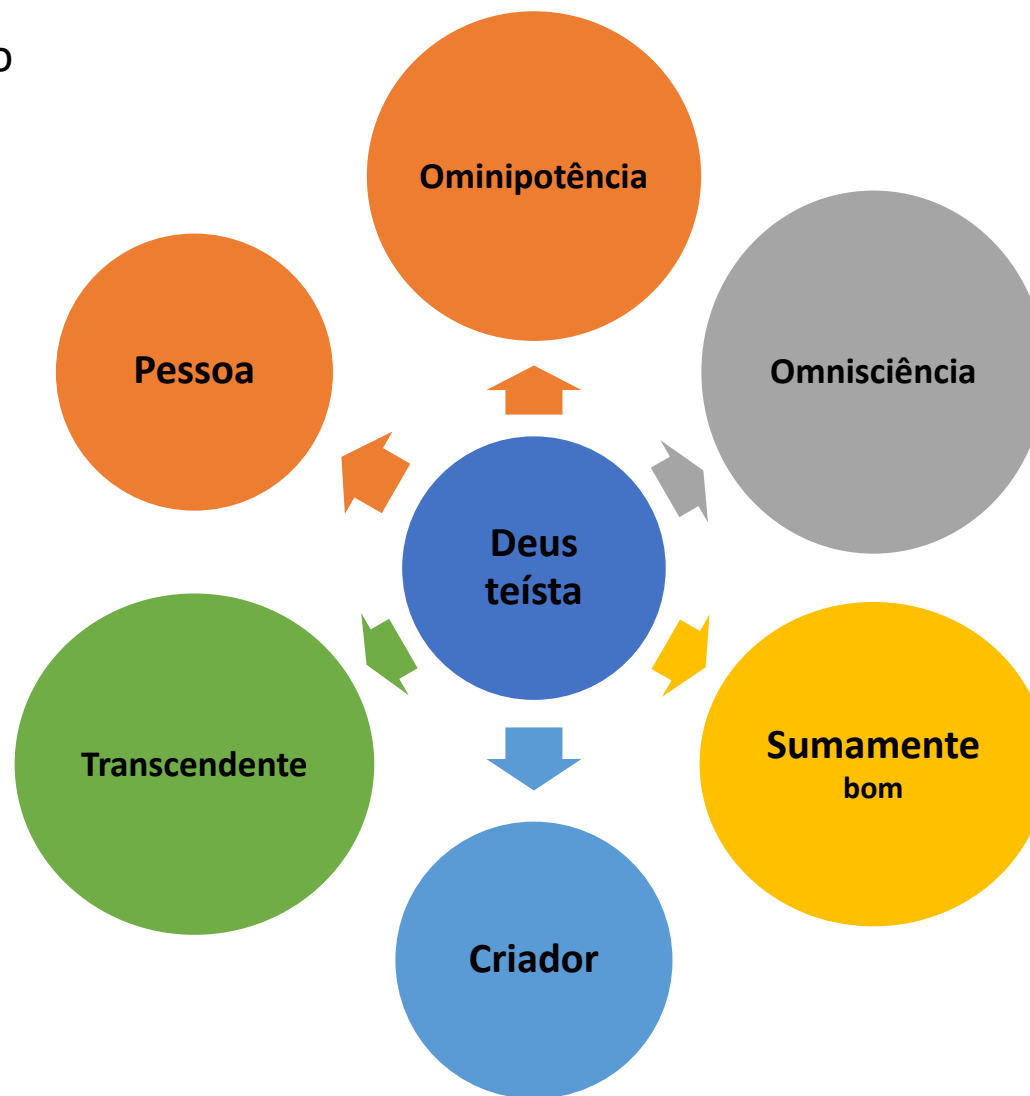
**Assim a primeira tarefa quando falamos de Deus
na filosofia é a de clarificar o conceito de Deus.
De que Deus vamos falar?**

Para definir o conceito de Deus que vamos discutir



A definição dada pelo
Professor Desidério Murcho

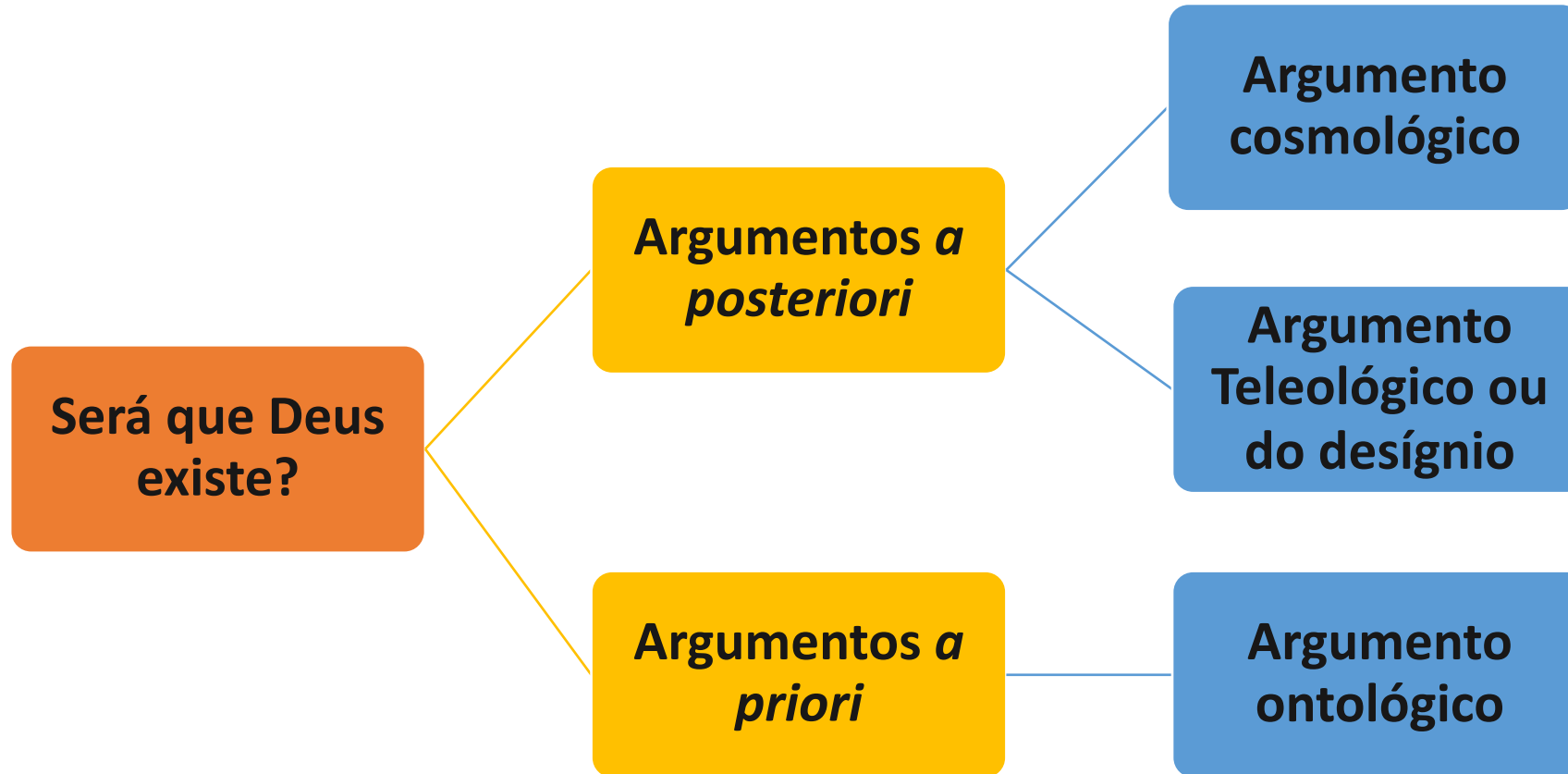
DEÍSMO
- Deus é
criador mas
não intervém
nem se
importa com a
criação



PANTEÍSMO – Deus
não é distinto do
mundo e
manifesta-se no
mundo.

As teorias e os argumentos

Aqui trataremos apenas do problema filosófico da existência de Deus e do problema do mal.





Problema do Mal

**Resposta de
Leibniz ao
problema
(Teodiceia)**

Argumentos *a posteriori*

São empíricos

pelo menos uma
premissa do
argumento é a
posteriori

Argumentos *a priori*

São conceptuais
ou analíticos

Todas as
premissas são a
priori

Argumento cosmológico



Tomás de Aquino, século XIII (1225-1274)

Também é conhecido por argumento da primeira causa ou argumento causal

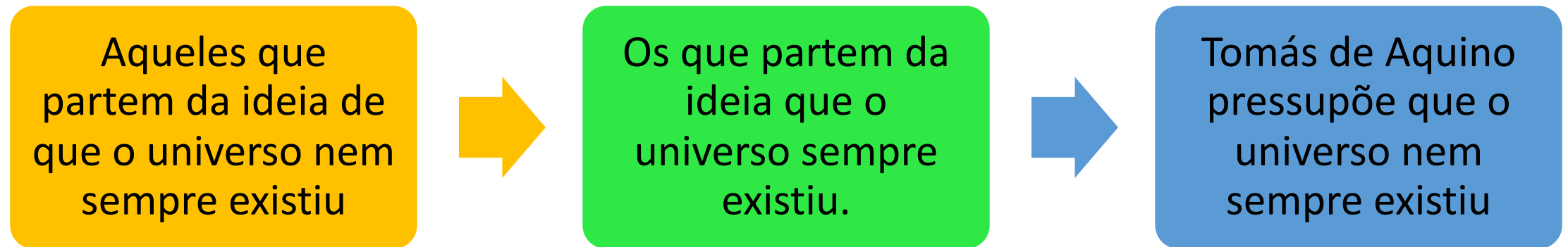


Trata-se de um argumento a posteriori já que parte de informação acerca de como o mundo funciona



Por isso podemos dizer que é um argumento empírico

Duas categorias de Argumentos cosmológicos



Será mais fácil o argumento cosmológico pressupondo que o universo sempre existiu ou que nem sempre existiu?

Estrutura do argumento:

Parte-se de coisas simples acerca do mundo como o facto de umas coisas serem causadas por outras, para depois se concluir que tem de existir uma causa que é a causa de todas as causas, a causa primeira.

A primeira versão do argumento pode ser assim apresentada:

1. Tudo o que existe no mundo tem de ter uma causa (*a posteriori*)
2. Se tudo tem uma causa então segue-se que o universo também tem de ter uma causa, dado que o universo é algo que existe
3. Mas não há uma cadeia causal que regride infinitamente
4. Se a cadeia causal não regride infinitamente, então tem de existir uma primeira causa
5. Logo, existe uma primeira causa (que não é causada) à qual chamamos Deus.

Será este argumento bom?

Hoje sabemos pela ciência a causa de uma parte significativa das coisas que não sonhávamos apenas há uns séculos saber (formação da terra, sistema solar, etc)

Apesar disso não sabemos a causa, por exemplo, do *Big Bang*.

Ora, segundo o argumento cosmológico a explicação é que Deus é incausado e por isso a causa do *Big Bang*.

Será que esta forma de raciocinar não soa algo rudimentar?

Uma afinação ao argumento cosmológico

O argumento promete mais se em vez de pensarmos que tudo tem simplesmente uma causa e Deus é causa incausada, alteramos a premissa do argumento que indica que tudo tem uma causa para esta:

Todas as coisas espácio-temporais tem causa.

Logo, Deus não tem causa exatamente porque não é uma entidade espácio temporal.

No entanto sobra aqui a dificuldade de compreender como é que o *Big Bang*, que é a origem do tempo, foi criado por uma entidade fora do tempo?

Diz Tomás de Aquino na Suma Contra os Gentios

“Se o mundo e movimento tem um início primeiro, alguma causa tem claramente de ser postulada para dar conta desta origem do mundo e do movimento. O que surge de novo tem de ter origem em alguma causa inovadora, dado que nada se faz a si próprio vir da potência ao ato, ou do não ser ao ser.”

Citado em Desidério Murcho, Deus, o essencial, Plátano, 2020

Vamos reformular o argumento numa versão mais legível:

Ou o universo surgiu do nada ou algo o fez surgir.

Mas o *Big Bang* não surgiu do nada

Logo, algo o fez surgir

Silogismo Disjuntivo

$P \vee Q$

$\neg P$

$\therefore Q$

É válido. Mas será sólido?

Mas a teoria parece ter dificuldades

Se for verdade que tudo tem uma causa (1ª premissa da primeira formulação apresentada), então Deus, caso exista, também tem uma causa.

Ou então nem tudo tem uma causa

Ou ainda temos de pressupor que Deus é a causa de tudo e por isso também a causa de si mesmo.

Ficamos satisfeitos?

1. Para algo ser a causa de si mesmo teria de se gerar a si próprio
2. Mas algo se gerar a si mesmo, teria já de existir antes do ato de geração
3. Mas se teria já de existir não precisaria de se gerar

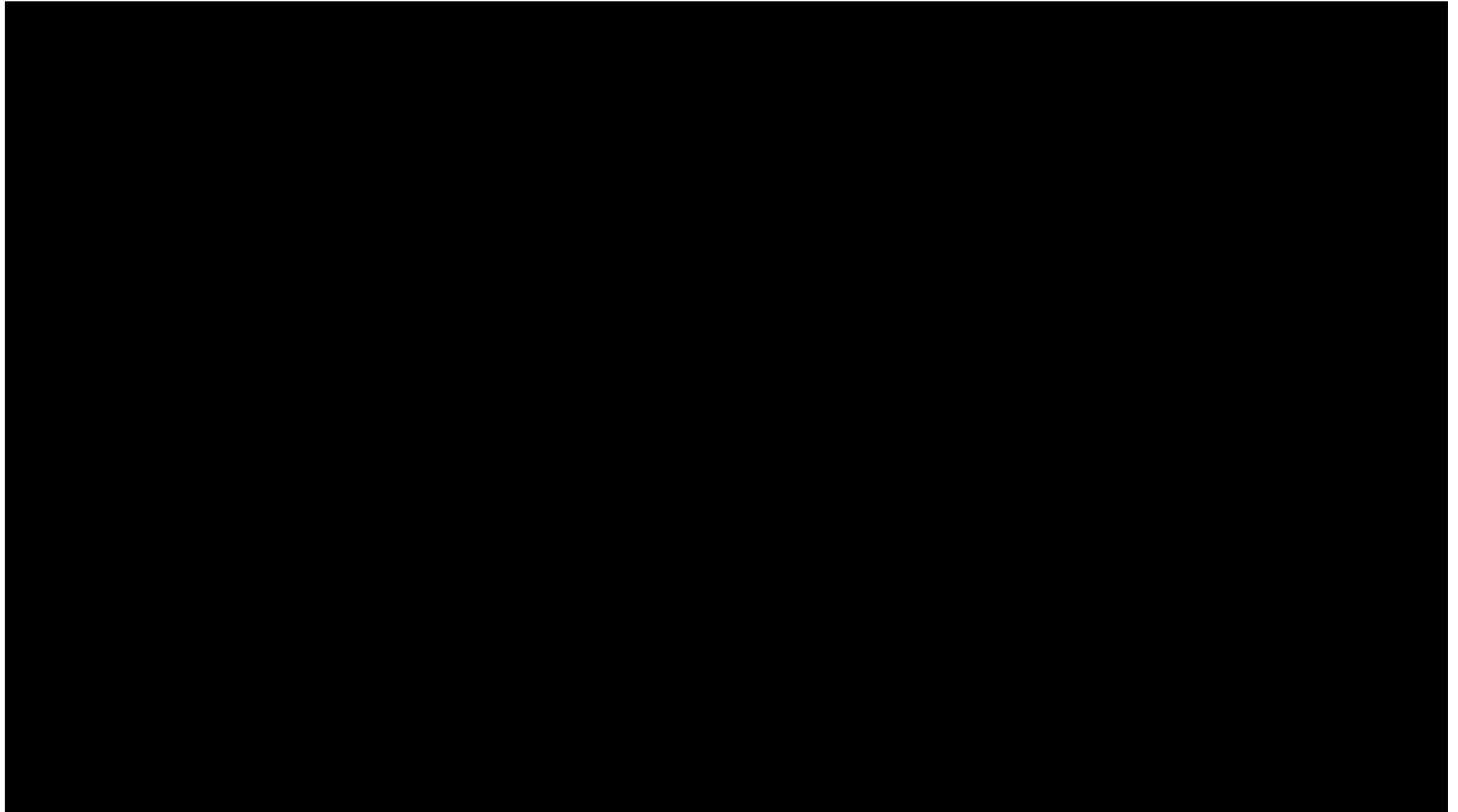
Em que ficamos?

Mas há mais...

Que garantias temos que o universo pura e simplesmente não é incriado e eterno?

Se calhar do facto da nossa percepção do mundo derivar da causalidade, daí não se segue que tenha de existir uma causa primeira.

Vamos ver

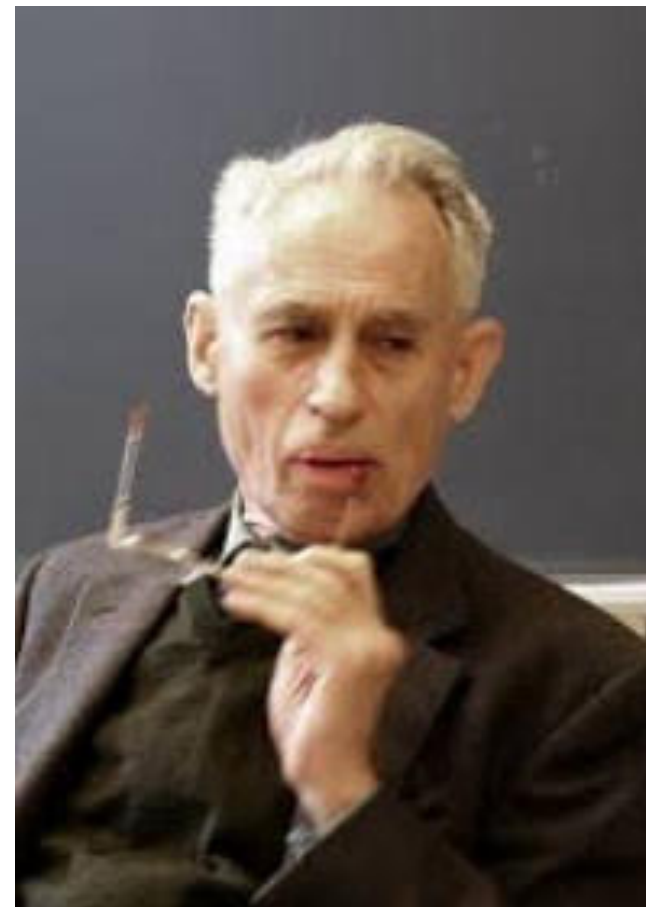


Alguns filósofos contemporâneos têm proposto outras soluções ao problema

O filósofo inglês Richard Swinburne procurou ajustar o argumento cosmológico ao defender que mesmo que exista outra explicação possível do universo, deveríamos permanecer com a que nos parece mais verdadeira.

E é mais provável que o universo tenha sido criado por Deus, do que tenha surgido por mero acaso do processo evolucionista.

A ideia é defender que Deus existe baseado no mesmo argumento indutivo usado nas ciências empíricas. – Argumento a favor da melhor explicação.



Argumento teleológico

Teleologia significa finalidade

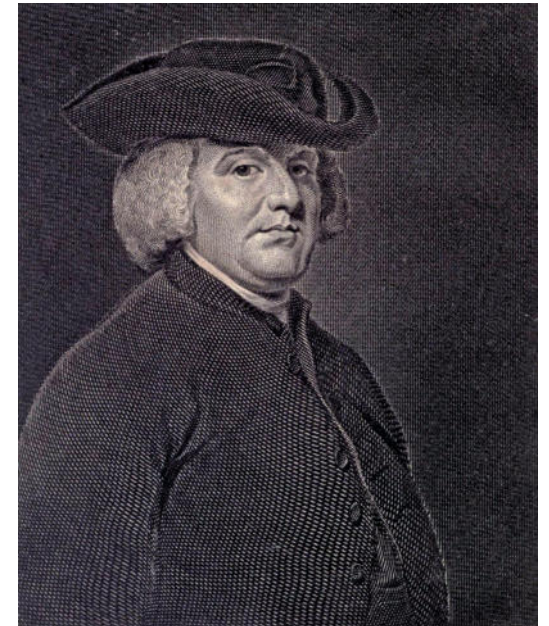
A este argumento também se chama **argumento do desígnio**

Este argumento foi reformulado por volta de 1700, pelo filósofo cristão inglês William Paley

Como veremos este argumento também é conhecido pelo argumento do desenho inteligente.

Diferença com o argumento cosmológico:

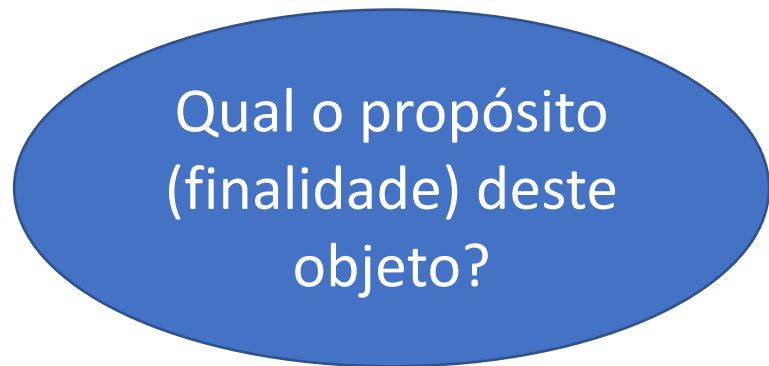
Ao passo que o cosmológico quer justificar a origem, o teleológico pretende justificar a finalidade ou desígnio.



O argumento parte do princípio de que se o universo existe, existe por alguma razão especial e não existe por mero acaso. Existe com um determinado propósito.

O argumento começa por se apoiar numa analogia:

Muitas coisas no universo revelam ordem e desígnio e funcionam nessa ordem e com finalidade.



Como funciona uma analogia?

SITUAÇÃO A - conhecida

A

**Determinadas características
= Conclusão**

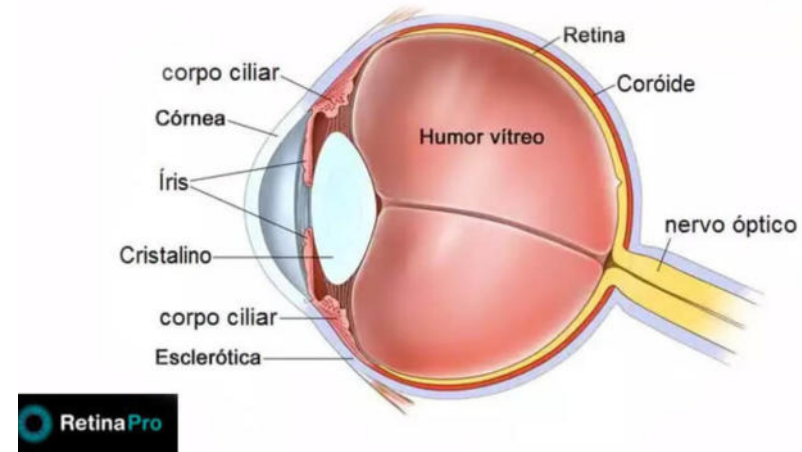
SITUAÇÃO B - desconhecida

B

**Características semelhantes
à situação A = Conclusão
igual a A**

Uma analogia é um argumento de tipo indutivo e a ideia é que qualquer conclusão que se chegue em A, nas mesmas condições, também se chega em B

O relógio na floresta – Analogia com o olho



- Composto por partes
- As partes combinam umas com as outras
- Todas as partes tem funções específicas
- Teve um criador (relojoeiro)

- Composto por partes
- As partes combinam umas com as outras
- Todas as partes tem funções específicas
- Teve um criador (Deus)

Então da mesma maneira que:



**Um criador de
comandos**

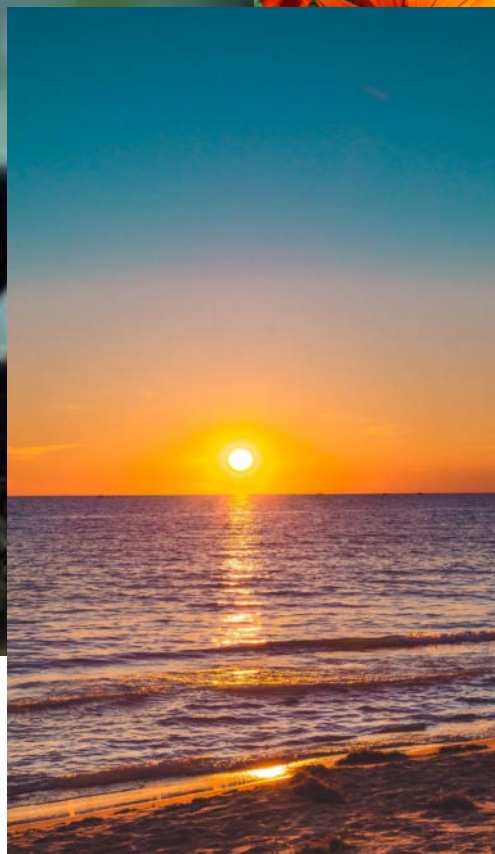


**Um criador de
relógios**



**Um criador
de universos**

As maravilhas da natureza devem ter tido um criador



O que concluir daqui?

- Se todas as coisas na natureza (inteligentes ou não) tem finalidades (o olho por exemplo), então o próprio universo também tem a sua finalidade, o seu desígnio.
- O universo está afinado de maneira tão minuciosa que não pode ser obra do acaso.
- Mas como é que as coisas que não possuem inteligência possuem finalidades? Alguma inteligência as deve orientar e dirigir. Essa inteligência é Deus.

Vamos formalizar o argumento (forma canónica)

1. O relógio encontrado na floresta é criação de um relojoeiro ou então deve-se ao acaso.
2. Mas não se pode dever ao acaso
3. Logo, deve-se ao relojoeiro

Do mesmo modo:

1. As maravilhas da natureza são criação de Deus ou então devem-se ao acaso
2. Mas não podem dever-se ao acaso
3. Logo, são criação de Deus

Será a analogia boa?

Para mostrar que uma analogia não é boa temos de procurar mostrar que as semelhanças apontadas não são suficientemente relevantes para chegar à mesma conclusão.

Por exemplo, teríamos de tentar responder por que razão se Deus criou o olho tão perfeito, por que razão o criou com um ponto cego?



Poderíamos sempre responder que apesar de não sabermos o propósito, daí não se segue que ele não exista



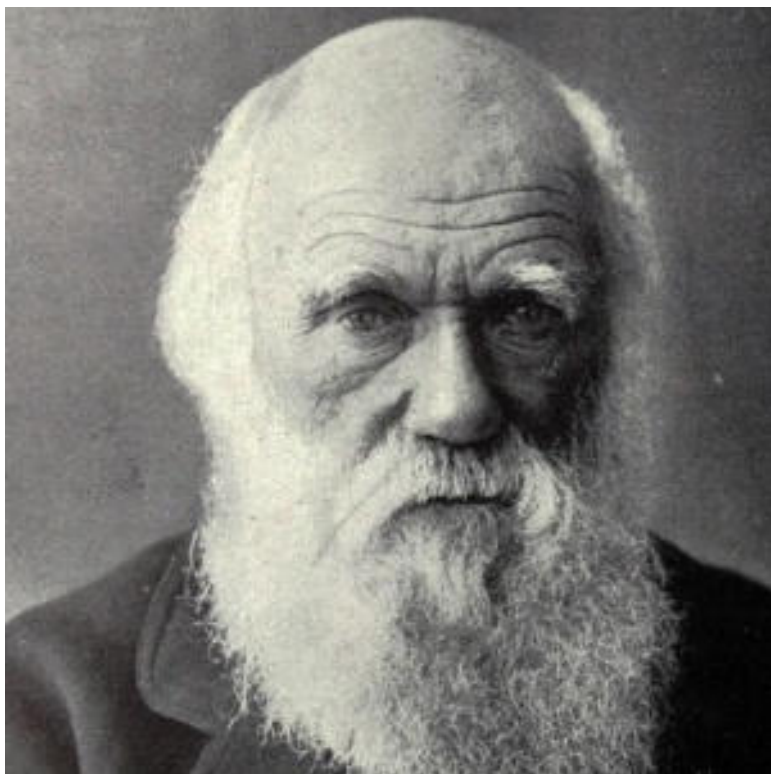
**Isto de procurar um propósito em tudo pode ser embaraçoso
pois podemos sempre pensar que Deus criou um coelhinho
com um rabo fofinho e peludo para os caçadores os
apanharem mais facilmente**



No século XVIII, o filósofo escocês David Hume, defendeu que admitir que Deus criou todas as coisas no mundo leva a que muitas coisas sejam explicadas de modo errado. Afinal para que teríamos um cólon tão predisposto a cancro? Ou uma próstata? Qual a finalidade afinal do cordão umbilical se tantos fetos morrem por se enrolarem nele?



Além de tentar mostrar que a analogia não funciona, outra maneira de refutar o argumento é defender que o universo não teve de ter um criador.



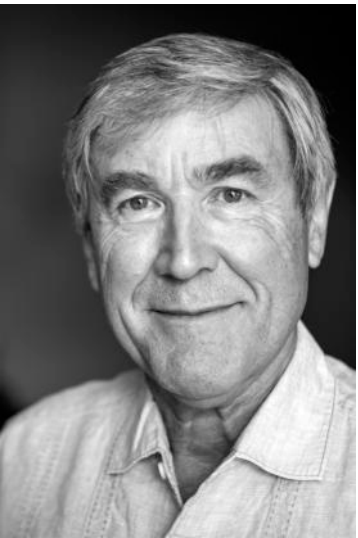
CHARLES DARWIN



Concordas que a teoria da evolução por seleção natural dispensa o argumento teleológico?

A resposta do argumento do ajuste perfeito “fine tuning”

Alguns filósofos (aproveitando algumas ideias de cientistas) contemporâneos reformularam o argumento teleológico com o argumento do “ajuste perfeito”. Segundo este argumento aceitam como verdadeiros o Big Bang e a evolução, mas que foi Deus quem criou as condições exatas e co precisão para que estes fenómenos ocorressem. Uma pequena modificação e não existiria vida.



**Paul Davies
e John
Barrow
Cientistas**



**John Leslie
e R.
Swinburne
Filósofos**

Problemas com a teoria

À partida , a menos que se pressuponha que Deus existe não se entende como é que apropriadamente conseguimos concluir que da ordem da natureza podemos inferir que é obra de Deus.

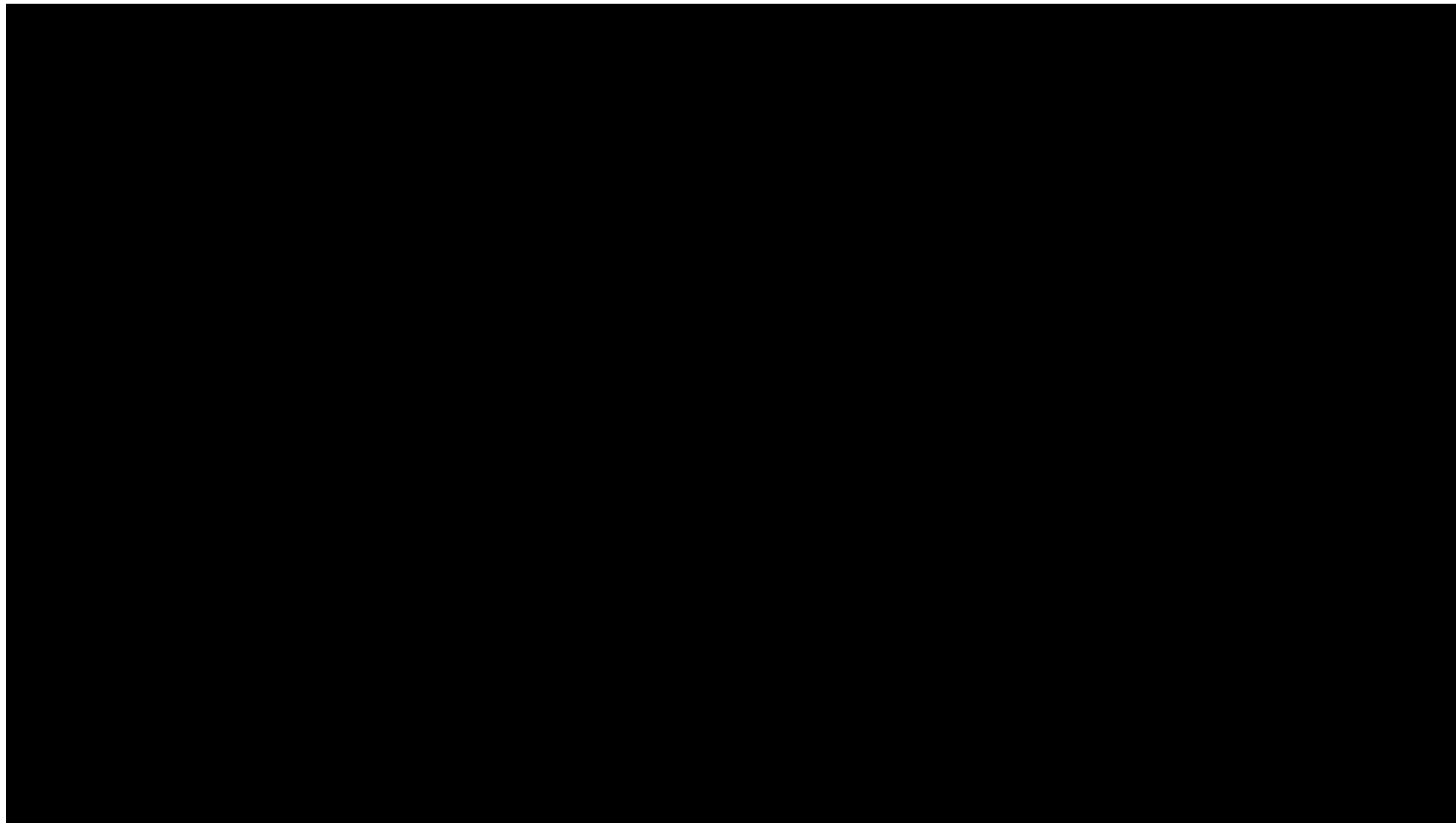
Depois temos que considerar o Darwinismo que nos veio mostrar que talvez essa ordem seja mesmo fruto do acaso e da lotaria biológica. Aliás o argumento inclui pelo menos uma premissa que envolve um falso dilema, quando pressupõe que existe Deus ou existe o acaso. O evolucionismo é a terceira hipótese.

Mas há mais

Quando dizemos que o universo está afinado minuciosamente será que consideramos a hipótese física dos multiversos?



Uma curiosidade para pensar...



Limitações da prova

Se aceitamos o argumento teleológico (ou do desígnio)



**Tal parece mostrar que Deus é
omnipotente**



**Mas daí não se segue que seja onnisciente
nem sumamente bom**

Argumento ontológico

Trata-se de um argumento *a priori*

Isso significa que não é preciso olhar para o mundo para compreender a existência de Deus, bastando para tal a reflexão cuidadosa



A versão do Proslogion II: 82

Se aquilo mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existisse apenas no entendimento, este mesmo ser mais grandioso que o qual nada pode ser pensado seria algo mais grandioso que o qual algo pode ser pensado. Mas isto é obviamente impossível. Logo, não há dúvida que aquilo mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existe tanto no entendimento como na realidade.

Anselmo

Formalizando o argumento:

1. Se o ser mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existe apenas no entendimento, o ser mais grandioso que o qual nada pode ser pensado é algo mais grandioso que o qual algo pode ser pensado
2. Mas é falso que o ser mais grandioso que o qual nada pode ser pensado é algo mais grandioso que o qual algo pode ser pensado
3. Logo, é falso que o ser mais grandioso que o qual nada pode ser pensado existe apenas no entendimento

Forma lógica:

$P \rightarrow Q$

$\neg Q$

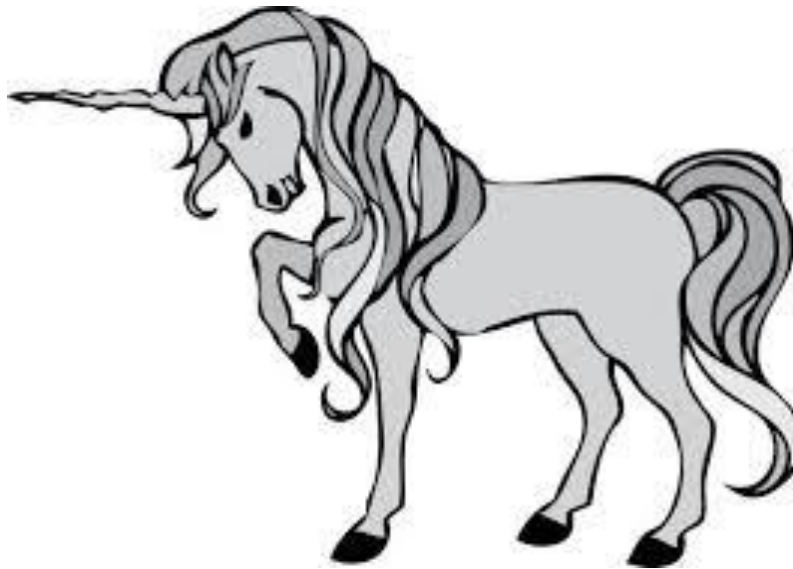
$\therefore \neg P$



Modus Tollens

Mas o que é um ser mais grandioso acerca do qual nada mais grandioso se pode pensar?

**Existe no
pensamento?**



**Existe na
realidade?**

E Deus?

Se Deus existir apenas no nosso entendimento, então há uma contradição, pois há algo mais grandioso que Deus (contraditório)

Uma curiosidade: Outra maneira de estruturar o argumento.

(Pedro Galvão, et.Exame, Porto Ed.)

1. Deus (o ser maior do que o qual nenhum outro é possível) existe no pensamento (isto é, pode ser concebido como ideia, quer exista ou não na realidade).
2. Deus é um ser possível.
3. Se algo existe só no pensamento, mas não existe na realidade, então podia ser maior do que é (se existisse também na realidade).
4. Deus não existe na realidade – *hipótese da redução ao absurdo*
5. Se Deus não existe na realidade (se 4 é verdadeira), então pode haver um ser maior do que ele (premissa 3)

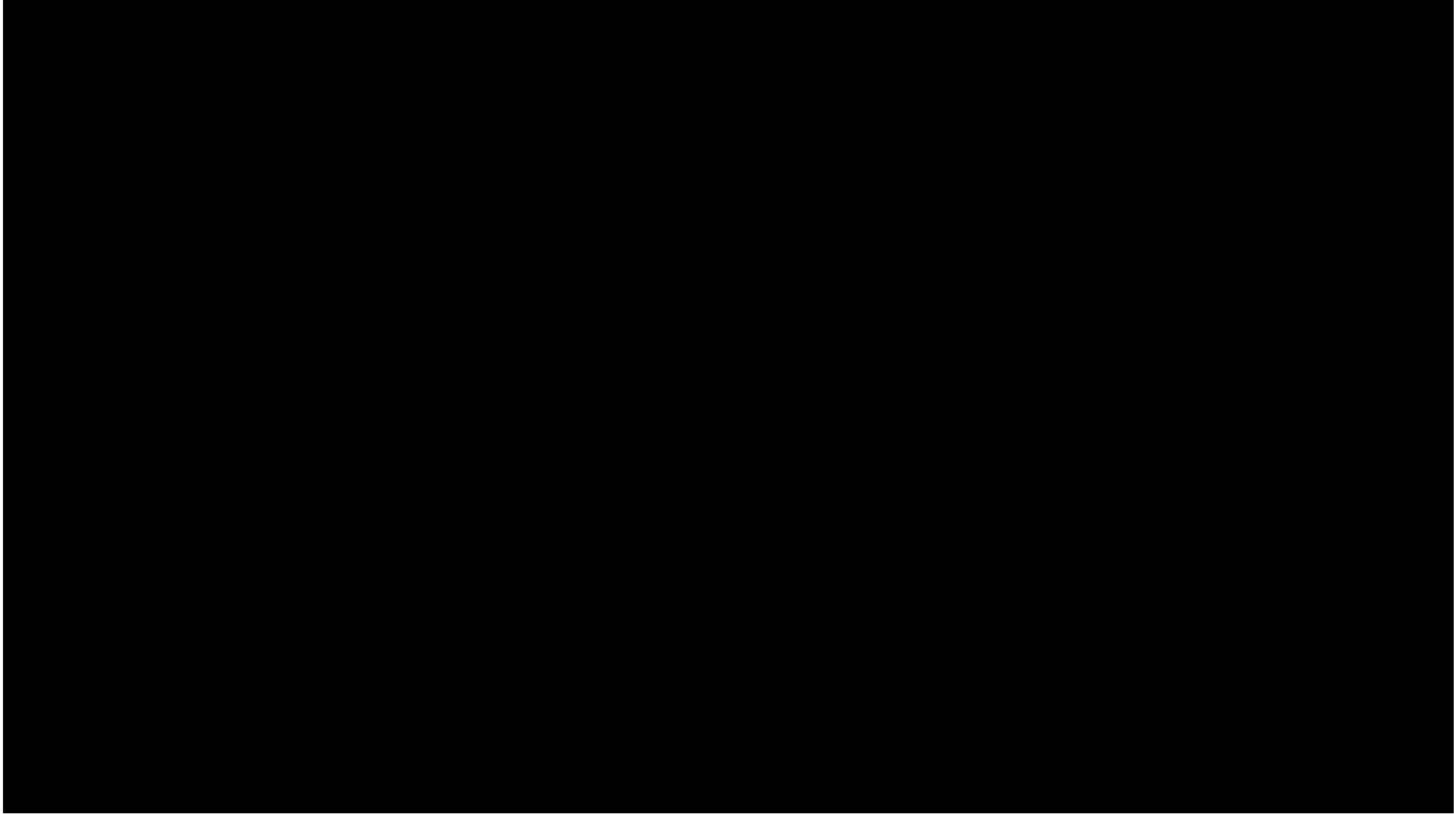
Tudo isto implica que:

6. Há um ser (o maior possível existente no pensamento e na realidade) que é maior do que o ser maior do que o qual nenhum outro é possível (o maior possível que existe “só” no pensamento, mas a quem falta a existência na realidade).

Só que, a dição da hipótese da redução ao absurdo (4) gera uma contradição (6) dado não ser possível haver um ser maior que Deus pois Deus é o ser maior que todos. Conclui-se então o que argumento pretende provar (4) “Deus não existe na realidade” é falsa. Ora, dizendo o mesmo na afirmativa fica assim:

7. Deus existe na realidade e no pensamento.

Uma análise ao argumento



Concordamos com o argumento?

Quem foi Gaunilo?

Era um monge Beneditino da Abadia de Marmoutier em Tours, França. E ficou conhecido pelas críticas ao argumento ontológico de Anselmo.



Vamos pensar numa ilha perfeita (objeção de Gaunilo)

1. A ilha perfeita existe no pensamento
2. Se a ilha perfeita existe no pensamento e não na realidade, então uma ilha mais perfeita do que a ilha perfeita é concebível
3. Mas não é concebível uma ilha mais perfeita do que a ilha perfeita



O argumento parece não funcionar. Caso funcionasse, a mesma estrutura permitir-nos-ia mostrar a existência de ilhas perfeitas

Diz Gaunilo:

“Não podes continuar a duvidar que esta ilha, mais excelente que todas as outras na Terra, existe verdadeiramente algures na realidade. Pois não duvidas que esta ilha existe no teu entendimento, mas também na realidade, esta ilha tem de existir também na realidade. Pois, se não existisse, qualquer terra que exista na realidade seria mais grandiosa que ela. E por isso esta coisa mais excelente que entendeste não seria de facto a mais excelente.”

Resposta em Defesa do Insensato, secção 6, citado em Desidério Murcho, Op.Cit

A resposta a esta objeção é que apenas Deus é maximamente grandioso. Para todas as outras coisas existirá sempre algo mais que se possa pensar, mas apenas Deus é maximamente grandioso.

No entanto, fica sempre a dificuldade de tentar perceber como sabe Anselmo que existe, ainda que hipoteticamente, um ser de máxima grandiosidade?

Talvez não seja possível saber tal coisa

A emenda de Kant ao argumento

Kant (século XVIII) recuperou o argumento de Anselmo e tentou remendá-lo ao mesmo tempo que o critica

Para tal indicou que o erro de Anselmo foi considerar a existência um predicado. Por exemplo ser alto, louro, olhos verdes podem ser predicados do Artur, mas existir não é predicado do ser Artur (não dizemos que o Artur é aquele ser que existe, pois ser Artur contém em si a própria existência). Anselmo parece considerar a existência um predicado de Deus, o que, para Kant, é um erro.

Petição de princípio

Uma das acusações ao argumento é que nele Anselmo já pressupõe a existência de Deus nas premissas para concluir que ele existe. E daí a circularidade.

Alguns autores pensam que na definição de Deus já é pressuposta a sua existência.

Questão para pensar

Será que o conceito de uma entidade maximamente perfeita em todos os sentidos, mas que não existe, é incoerente? Porquê?

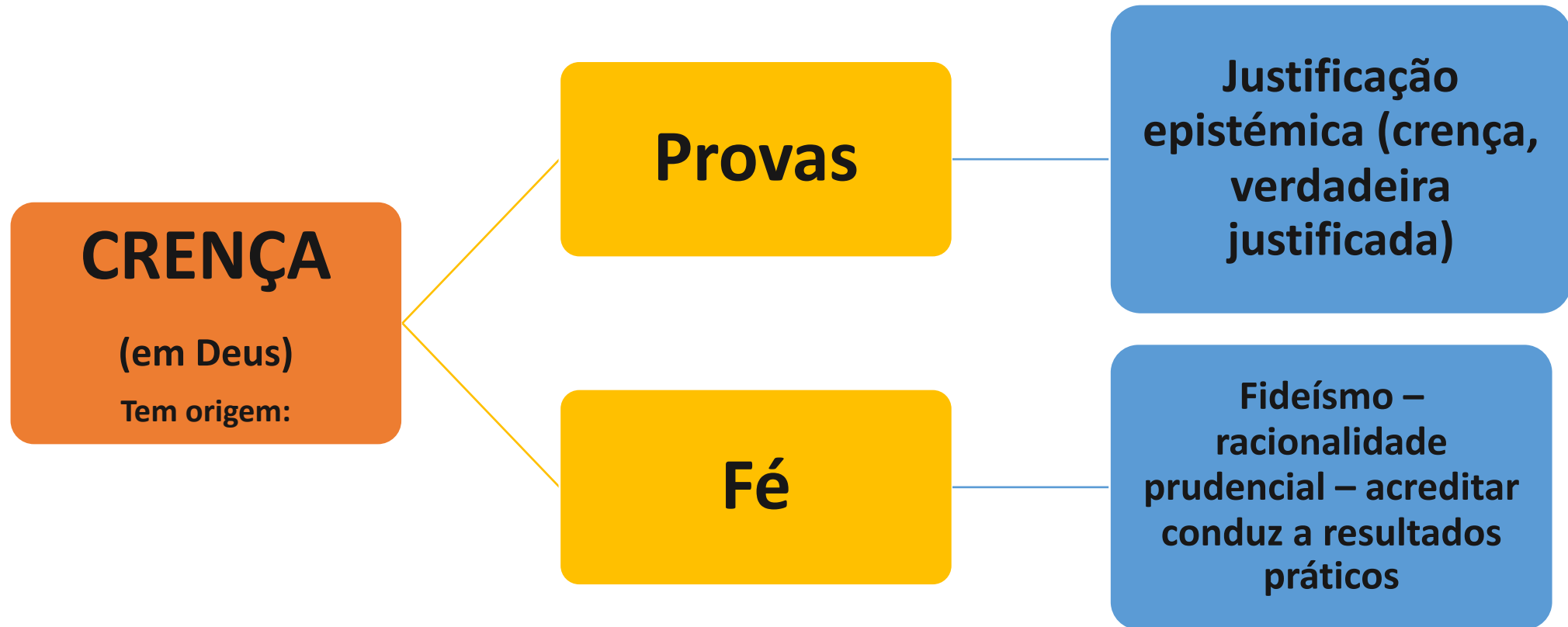
Resumo

- A ideia principal: a simples reflexão sobre o conceito de Deus permite concluir validamente que existe, porque a hipótese da sua inexistência é incoerente.
- Dificuldade: Anselmo pressupõe que Deus é o ser maior do que o qual nenhum outro maior é possível.
- É um argumento *a priori* (não apela à experiência , apenas à análise do conceito de Deus.
- Crítica de Gaunilo: raciocinando como Anselmo, podemos provar que existe a ilha mais perfeita, o que é falso.

Questões para resolver em casa

- 1. Porque é que o argumento ontológico é *a priori*?**
- 2. Explica o argumento.**
- 3. Em que consiste a refutação de Gaunilo?**
- 4. Como se pode defender o argumento da refutação de Gaunilo?**
- 5. Em que consiste a crítica que Kant fez ao argumento?**
- 6. Concordas com um argumento que prove a existência de Deus recorrendo exclusivamente ao raciocínio?**

FIDEÍSMO



**O fideísmo é a teoria ou família de teorias
parte do pressuposto que não temos de ter
provas para acreditar em Deus.**

**Assim, para os fideístas, podemos basear a
crença apenas na fé.**

”O fideísmo é uma família de posições filosóficas que desenvolvem esta maneira de ver as coisas. A ideia é que a crença de que Deus existe não só se apoia muitas vezes em provas como não precisa realmente delas para ser apoiada.”

Desidério Murcho, *A existência de Deus, o essencial*, Plátano, 2020

E como explica William Rowe:

*“Alguns pensadores religiosos argumentaram que a própria natureza da religião exige que as suas crenças assentem na fé, e não na razão. Pois, segundo o argumento, a crença religiosa exige a **aceitação incondicional por parte do crente**, aceitação que além disso resulta de uma **decisão livre de tornar-se crente**. Mas se a crença religiosa tivesse base racional, a razão estabeleceria indiscutivelmente a sua verdade ou apenas a tornaria provável. No primeiro caso, em que a razão prova a crença, o intelecto informado impõe-na, sem deixar espaço para uma decisão livre. E no segundo, caso em que a razão apenas mostra que a crença é provável, se a crença religiosa assentasse inteiramente na razão, a aceitação incondicional da crença seria injustificada e absurda. Talvez então a crença religiosa assente de facto na fé e não na razão.”*

William Rowe, *Introdução à filosofia da religião*, Verbo, 2011, Trad. Vitor Guerreiro

Definir a fé é uma tarefa bastante relevante na filosofia da religião e filósofos desde Tomás de Aquino a William James tentaram essa definição. Aqui a única definição que nos interessa é relativamente simples:

Acreditar com base na fé é ao mesmo tempo acreditar sem argumentos ou provas.

**A ideia do fideísmo é que é apropriado,
em alguns casos, acreditar em Deus,
mesmo sem provas da sua existência.**

Questão:

**Mas será que defender que se pode
acreditar sem argumentos ou provas já não
é em si um argumento?**

(o argumento de que não se acredita sem argumentos)

O FIDEÍSMO DE PASCAL

Diz Pascal em relação às teorias anteriores:

“Se há um Deus, ele está infinitamente para lá da nossa compreensão, uma vez que, sendo indivisível e sem limites, não tem qualquer relação connosco. Somos, portanto, incapazes de saber o que ele é e se é.”

Pensamentos

A ideia de Pascal é que não existem provas adequadas da existência de Deus.



Ou seja, verificar que algumas provas deixam a desejar não é suficiente para concluir que Deus não existe.



Mas então se não existem provas, porque continua Pascal a acreditar?

**Perante qualquer crença podemos ter 3 atitudes:
(aqui analisando apenas a crença em Deus)**

- 1. Acreditar que Deus existe (posição do crente)**
- 2. Acreditar que Deus não existe (posição do ateu)**
- 3. Não acreditar que Deus existe nem que não existe (posição do agnóstico)**

A aposta de Pascal

Perante a questão de saber se devemos ou não acreditar em Deus, Pascal defende que é irracional não acreditar, senão vejamos:

A aposta de Pascal		
	Acredito	Não acredito
Deus existe	Ganho o infinito	Perco o infinito
Deus não existe	O que perco não é significativo	O que ganho não é significativo

Trata-se de apostar na alternativa mais vantajosa das 4 apresentadas. Qual a mais vantajosa?

Um outro exemplo (Desidério Murcho)

Imagine-se que alguém nos propõe um negócio mafioso que custa apenas 2 euros. Se existir vida em Marte, esses 2 euros rendem-nos 200 mil euros. Se não existir vida em Marte, só perdemos os 2 euros. Mas se recusarmos o negócio, o mafioso ameaça-nos com uma pistola dizendo-nos que se existir vida em Marte, teremos de pagar 200 mil euros. Mas se tivermos a sorte de não existir vida em Marte, poupamos os 2 euros, diz-nos o mafioso, e nada de especial nos acontece.

Negócio mafioso		
	Aposto 2 euros	Não aposto
Há vida em Marte	Ganho 200 mil euros	Perco 200 mil euros
Não há vida em Marte	Perco 2 euros	Poupo 2 euros

Qual a
aposta
melhor?



Ora, o mais sensato seria apostar 2 euros em como há vida em Marte, pois mais vale perder 2 euros do que 200 mil

E o argumento

Ou Deus existe ou não existe

Se Deus existe e eu não acredito, o resultado (infinito) será pior daquele que se acreditar

Se o resultado é pior, então é melhor acreditar do que não acreditar

Logo, é melhor acreditar



Será sólido?



Para verificar o que estás a aprender:

1. Qual é a ideia principal do fideísmo?
2. Explica a aposta de Pascal.
3. Concordas com a teoria? Que críticas podemos fazer à teoria?

Será o fideísmo uma boa saída para o problema?

Criticas ao fideísmo

Objeção da Ideia de infinito

Uma das dificuldades é a de saber se existe uma coisa como o infinito. Mas Pascal assume de princípio que existe tal coisa.

Acontece que Pascal faz coincidir a existência de Deus com a existência de infinito.

Desse modo, se pressupõe a ideia de infinito, também pressupõe a ideia de Deus.

A fé religiosa não se pode basear num cálculo

É contrária à moralidade de Deus basear a crença num cálculo de possibilidades.

“Sentimos que uma fé (...) adotada voluntariamente depois de um cálculo tão mecânico careceria de alma interior da realidade da fé; e se estivéssemos nós próprios no lugar da divindade, provavelmente teríamos um prazer especial em impedir a crenças deste calibre o acesso à recompensa infinita”

William James, «A vontade de Acreditar», in. *A Ética da Crença*, Bizâncio, 2010

Objeção da crença involuntária

A crença em Deus pode não estar sujeita ao livre arbítrio, pode não ser do controlo da pessoa. No entanto, para Pascal, cabe aos indivíduos decidir se querem ou não acreditar.

Pode até acontecer que uma pessoa não acredite em Deus e crença dessa pessoa ser falsa.

Na verdade há quem diga que acreditar em Deus com base num cálculo deste é absurdo. Mas com efeito a ideia de que para acreditar precisamos apenas de fé e não de razões é até muito difundida, não só na filosofia.

E isto levar-nos-ia ao problema de saber se acreditar em Deus com base na fé é defensável?

Será a fé um indício suficiente para a formação da crença?

(texto de William Clifford)

O PROBLEMA DO MAL

Diz David Hume

“Quer Deus impedir o mal, mas não pode? Então é impotente. Pode, mas não quer? Então é malévolo. Quer e pode? De onde vem então o mal?”

Diálogos sobre a Religião Natural, Ed 70

Mas qual é afinal o problema?

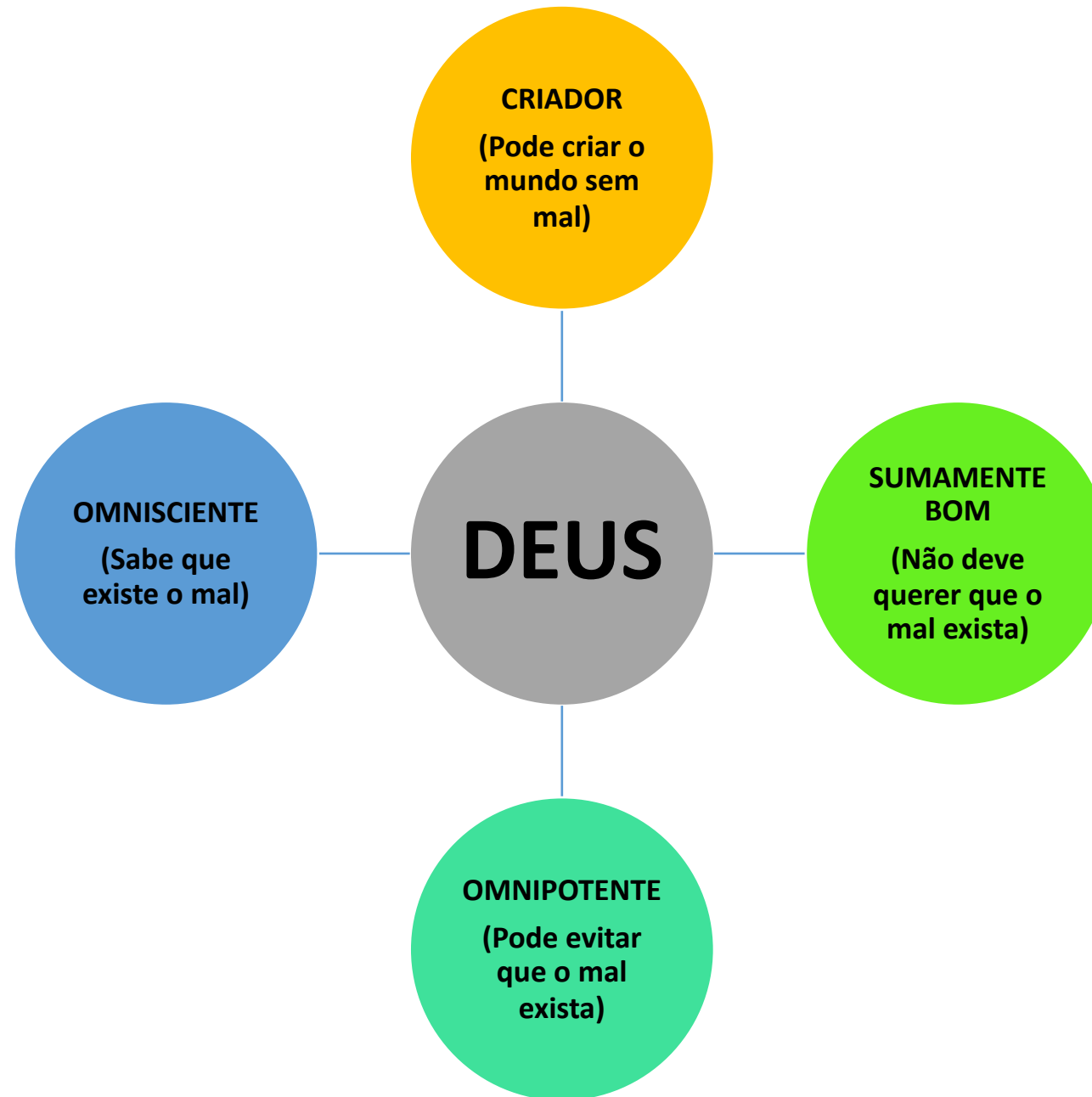
Existe mal no mundo

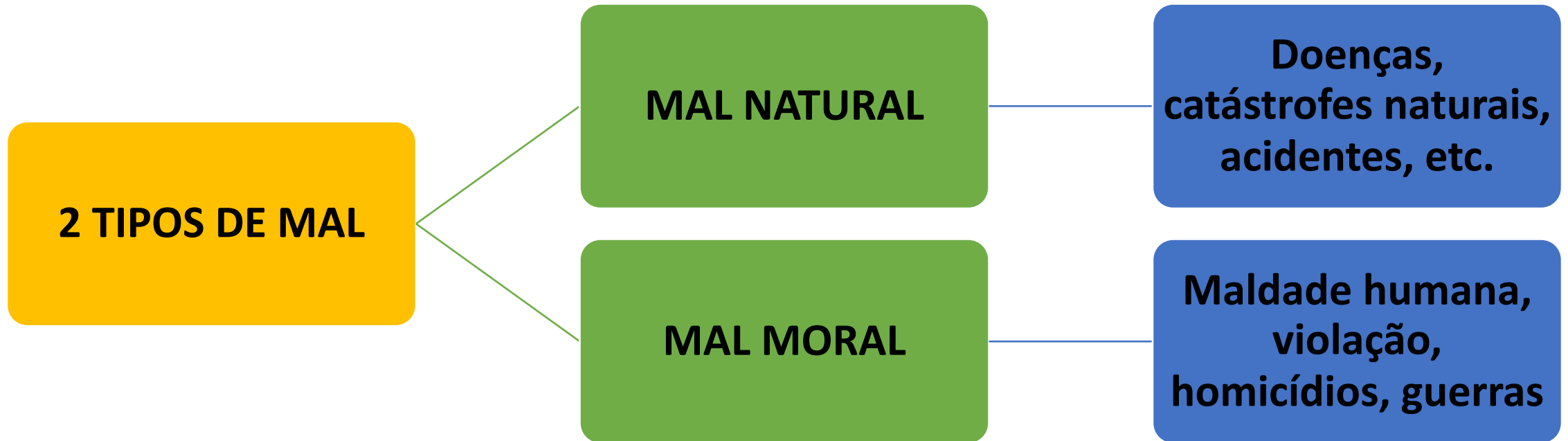
Se Deus é onnipotente e sumamente bom podia evitar esse mal

Mas Deus não o evita

Logo, Deus não existe

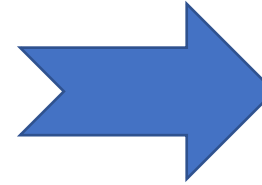
O problema do mal parece assim
apresentar fortes indícios contra a
existência do Deus teísta.





De notar que a questão do livre-arbítrio pode explicar o mal moral, mas não o natural

Há males que possuem justificação já que com eles se pode trazer um bem maior, por exemplo se existir justificação numa guerra. Mas há males que se não existirem não leva a que se perca um bem maior.



**MALES
JUSTIFICADOS**



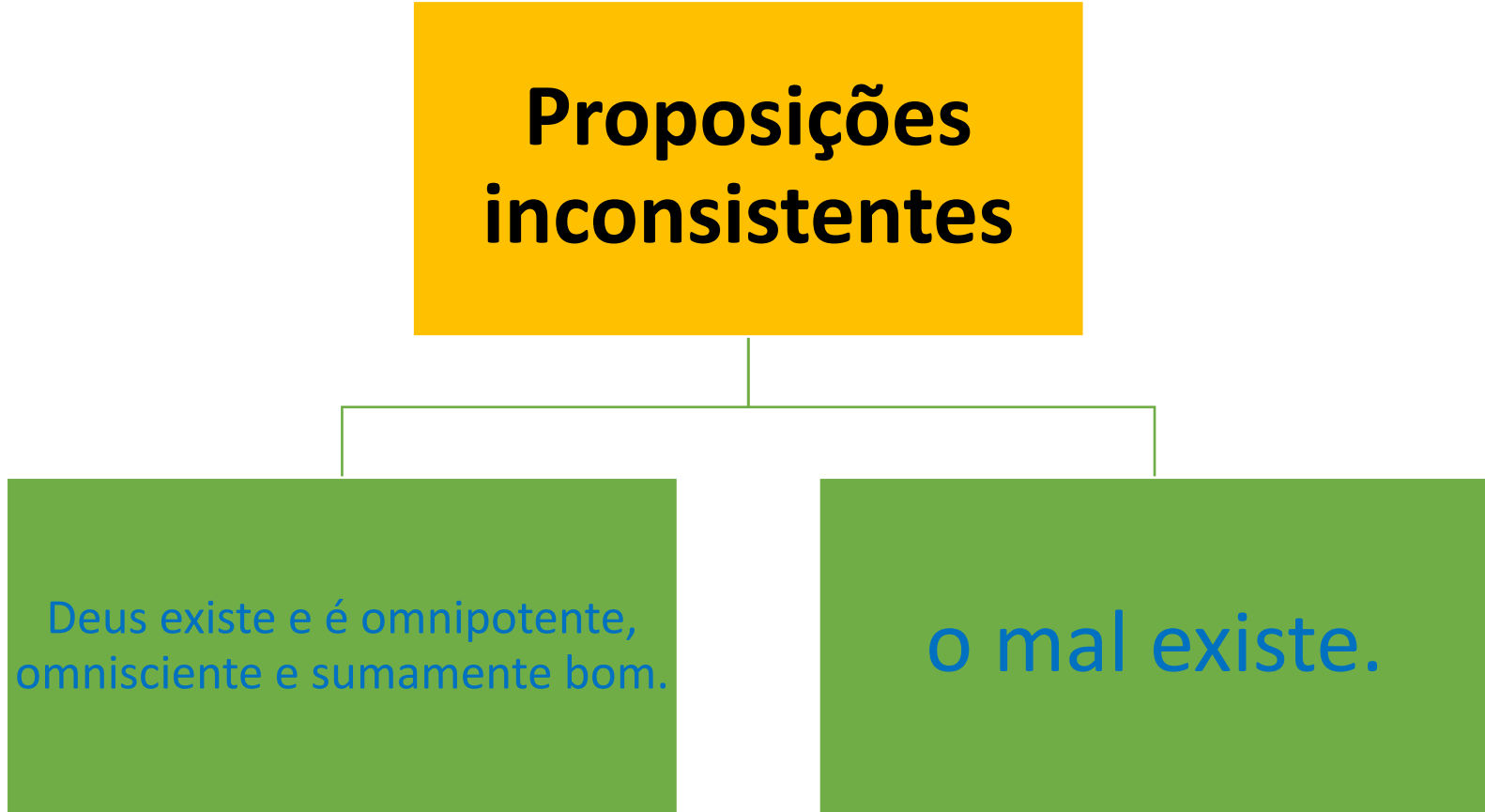
MALES GRATUITOS



**MAS ESTE TIPO DE MAL DEUS
PODIA TER EVITADO. PORQUE
NÃO O FEZ?**

A análise lógica indica que as duas proposições são inconsistentes

**Proposições
inconsistentes**



Deus existe e é onipotente,
onisciente e sumamente bom.

o mal existe.

Desfazer esta inconsistência tem sido tarefa de muitos filósofos

Este hiato conduz-nos a duas conclusões interessantes e bastante diferentes:

Modus tollens agnóstico

P1. Se existe uma divindade teísta, não há males gratuitos.
P2. Há males gratuitos.
C – Logo, não existe uma divindade teísta



Conclui-se que Deus não existe

Modus Ponens teísta

P1. Se existe uma divindade teísta, não há males gratuitos.
P2. Existe uma divindade teísta
C – Logo, não há males gratuitos



Conclui-se que os males gratuitos não existem

Como responder a este problema?

A teodiceia de Leibniz



1446-1716

Uma teodiceia é uma forma de responder ao problema de saber porque é que Deus permite a existência do mal.

“Explicação de como a bondade, justiça, sabedoria e poder perfeitos de Deus, entre outras perfeições, são compatíveis com a existência de mal no mundo: isto é, uma teoria que visa resolver problema do mal. O equivalente francês da palavra foi criado por Leibniz.”

Thomas Mautner, *Dicionário de filosofia*, Ed 70

Uma teodiceia procura mostrar que é razoável acreditar em Deus apesar da existência do mal no mundo

A teodiceia de Leibniz é baseada na ideia de que **a existência de Deus é compatível com a existência do mal.**

Para tal introduz na ideia de Deus a criação do melhor dos **mundos possíveis.**

“(...) Leibniz responde que Deus, como agente racional, escolhe criar o melhor dos mundos possíveis. (...) diz que a sabedoria suprema de Deus, em conjunção com a sua bondade infinita, não poderia ter deixado de escolher o melhor. Um bem menor é uma espécie de mal, assim como um mal menor é uma espécie de bem; portanto, Deus deve ter escolhido o melhor mundo, sob pena de fazer um mal. Se não houvesse mundo melhor, não teria sequer escolhido criar coisa alguma.”

Anthony Kenny, *História da Filosofia, Fil Moderna*, Gradiva, p. 328

Como Leibniz encara o problema do mal?

1. Existe uma pessoa divina que é onnisciente
2. Essa pessoa é onnipotente
3. E é também sumamente boa
4. Além disso criou o universo
5. Existem males gratuitos

Leibniz tenta mostrar que todas estas proposições são compatíveis.
Como? Tentando mostrar que a 5 é uma ilusão.

Para Leibniz os males que nos parecem gratuitos não os são de facto. São características de bens que Deus promove. Deus não poderia criar um mundo maximamente perfeito sem criar ao mesmo tempo, coisas que, aos nossos olhos, nos parecem males gratuitos, apesar de não o serem.

Vejam como isto funciona:

“Considere-se qualquer quadrado com dois centímetros de lado. O quadrado é matematicamente perfeito, no sentido em que cada lado é rigorosamente igual aos outros três, assim como os seus ângulos; e a área do quadrado exprime-se também de uma maneira matematicamente perfeita: $2\text{ cm} \times 2\text{ cm} = 4\text{ cm}^2$. Porém, não há maneira de criar este quadrado sem ao mesmo tempo criar a imperfeição da hipotenusa dos dois triângulos em que o quadrado se divide. A linha diagonal que une os vértices opostos do quadrado é incomensurável relativamente à dimensão dos lados do retângulo. É isto que se sabe pelo teorema de Pitágoras: o quadrado da diagonal é igual à soma do quadrado dos dois lados. Mas isto significa que a diagonal não tem qualquer medida perfeita. O quadrado da diagonal tem $2^2 + 2^2 = 8\text{ cm}$, o que significa que a diagonal em si é igual à raiz quadrada de oito: 2,82842712475... Ou seja, não há qualquer número perfeito que seja a medida da diagonal. Assim, ao criar a figura perfeita do quadrado, Deus cria também o que parece uma imperfeição gratuita. Mas não é gratuita; é uma condição da existência do próprio quadrado.”

Desidério Murcho, in. <https://estadodaarte.estadao.com.br/leibniz-e-o-problema-do-mal/>

A ideia é que para a hipotenusa ser perfeita a raiz quadrada da soma dos quadrados dos catetos deveria dar um número perfeito, o que é impossível
Ou seja, num quadrado tudo é perfeito, menos as suas diagonais

Explicado de outra maneira:

“(...)a ideia de que quando os seres humanos veem apenas uma parte insignificante da realidade, ficam com a ilusão de estar a ver males gratuitos; na verdade, são componentes fundamentais de bens mais grandiosos que Deus criou. O mesmo acontece se um ser humano estiver perante uma pintura maravilhosa, mas que mede tantos quilómetros que os seres humanos só são capazes de ver as partes que têm sombras e outros aspetos que não parecem belos — mas que fazem parte de uma totalidade de beleza superlativa.”

Desidério Murcho, <https://estadodaarte.estadao.com.br/leibniz-e-o-problema-do-mal/>

Em conclusão

Leibniz considera que não há afinal qualquer mal gratuito. Os muitos males que parecem fazer parte do Universo são afinal constituintes de bens muitíssimo mais importantes. Leibniz admite, pois, que existem males, mas nega que sejam gratuitos — e é por isso que são compatíveis com a bondade, onnipotência e omnisciência de uma pessoa divina que criou o Universo e tudo o que ele contém. Contudo, o conhecimento imperfeito dos seres humanos não lhes permite ver a totalidade do Universo, e por isso não vêm os bens associados aos males a que assistem.

A ideia é mais ou menos a de que Deus não poderia ter criado o impossível. Tal como Deus não pode criar um resultado de 5 para a soma de $2+2$, também não poderia criar um mundo no qual não existisse mal.

Parece que Leibniz está a raciocinar deste modo:

Deus tem a ideia de muitos mundos possíveis

Apenas um desses mundos possíveis pode realmente existir

Deus pode escolher um ou outro mundo

Deus é bom

Portanto o mundo que Deus escolheu existir é o melhor de todos os mundos possíveis.

Mas terá Leibniz razão?

Basta imaginar talvez uma situação de sofrimento extremo que afeta muitas pessoas ao mesmo tempo. Parece que Leibniz não consegue explicar que bem maior sustenta todo esse sofrimento e que o justifica como ato de criação divina.

Ainda que se possa imaginar muitos bens maiores em situações de sofrimento, tal não parece justificar esse mesmo sofrimento.

Leibniz considera que somos limitados para compreender que bens maiores servem determinados sofrimentos.

Mas se somos limitados para saber isso porque não somos limitados para saber se Deus existe?

A objeção do livre arbítrio ao problema do mal de Alvin Plantinga



Não acreditar

Ateísmo – ponto de vista que defende que não há nenhum Deus, nem qualquer entidade divina.

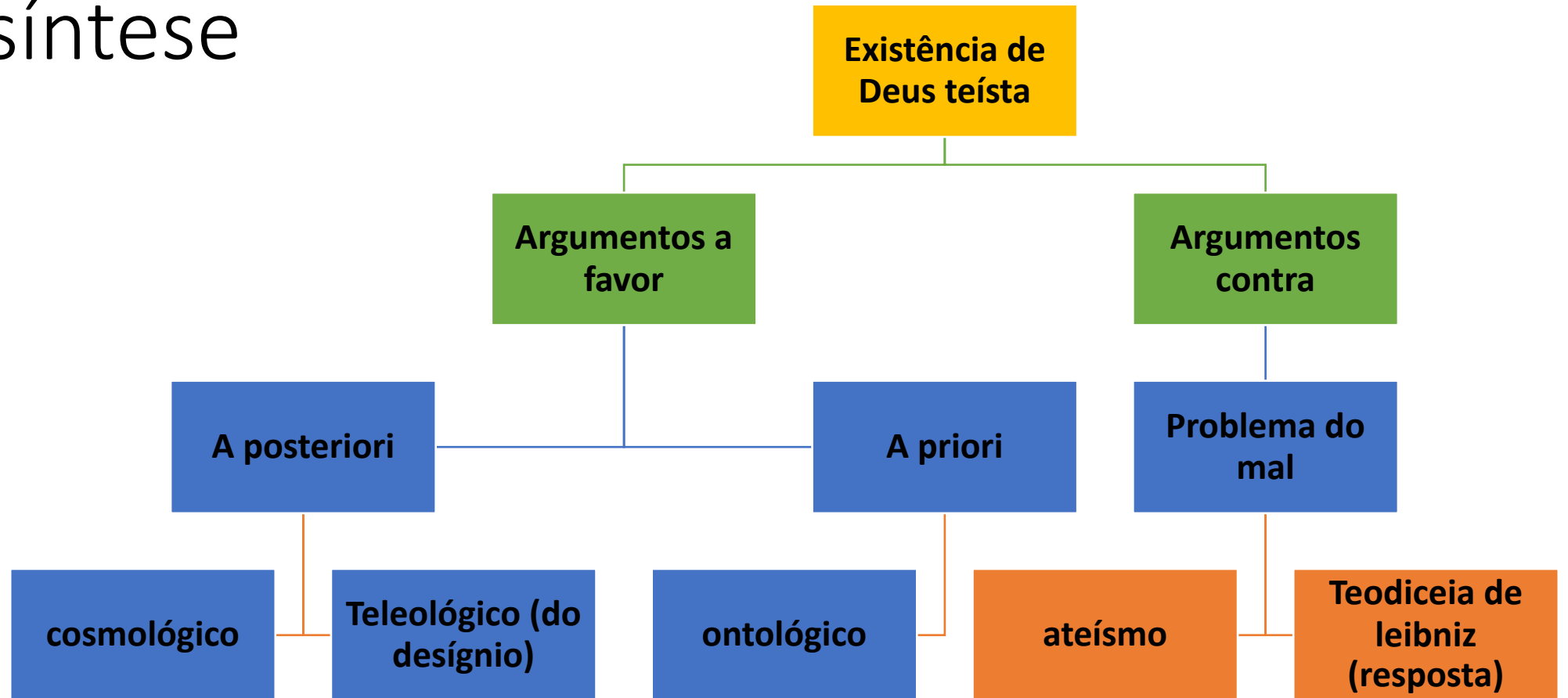
Existem muitas versões do ateísmo. Uma delas é o ateísmo evolucionista defendido pelo filósofo Daniel Dennett ou pelo biólogo Richard Dawkins.



A religião não é eterna



Em síntese

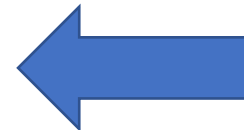


Ausência de argumentos: **fideísmo de Pascal**

EXERCÍCIOS

O Deus teísta pode caracterizar-se por:

- A. Ser apenas onnipotente, mas não omnisciente
- B. Ser omnisciente mas nem sempre sumamente bom
- C. Ser sumamente bom, omnisciente e onnipotente
- D. Ser sumamente bom, apesar de não ser omnisciente



Um dos argumentos estudados é inteiramente a priori. Ele é:

- A. O argumento cosmológico
- B. O argumento teleológico
- C. O argumento ontológico
- D. O argumento do fideísmo



Segundo a teodiceia de Leibniz:

- A. Nenhum mal é gratuito 
- B. Todo o mal é gratuito
- C. Algum mal é gratuito
- D. Algum mal não é gratuito

Algumas questões para praticares;

1. Distingue um argumento a priori de um a posteriori sobre a existência de Deus.
2. Explica o problema do mal e de como ele pode constituir um argumento contra a existência de Deus.
3. Concordas que a teodiceia de Leibniz é uma boa refutação do problema do mal? Justifica a resposta.
4. De que modo podemos objetar o argumento cosmológico clássico? Justifica.

**Fizemos todo este percurso.
O que ganhamos com ele?**

Resumo

- O Deus teísta tem as seguintes características: sumamente bom, pessoa, transcendente, criador, onnipotente e onnipresente.
- O Deus teísta é diferente do DEÍSMO Deus é criador mas não intervém nem se importa com a criação e do PANTEÍSMO – Deus não é distinto do mundo e manifesta-se no mundo.
- Os argumentos que procuram provar a existência de Deus são o cosmológico e teleológico (Aquino) e ontológico (Anselmo).
- Os cosmológico e teleológico são argumentos *a posteriori*, ao passo que o ontológico é *a priori*

- Diferença entre o argumento cosmológico e teleológico: Ao passo que o cosmológico quer justificar a origem, o teleológico pretende justificar a finalidade ou desígnio.
- Uma das objeções ao argumento cosmológico é a de que o universo pode simplesmente ter sido incriado e ser eterno.
- Uma das objeções ao argumento teleológico é que a analogia é fraca. Além disso o darwinismo coloca em causa a ideia da criação do universo fixo.
- Gaunilo apresenta uma relevante objeção ao argumento ontológico, defendendo que com base numa definição de ilha perfeita poderíamos concluir que a mesma existe, o que é absurdo.

- O fideísmo procura defender que a fé é o elemento central da crença em Deus.
- Pascal argumenta a partir de um cálculo de possibilidades.
- Uma das refutações ao argumento de Pascal é que a crença não se pode reduzir a uma mera aposta.
- O problema do mal apresenta uma aparente impossibilidade lógica entre a existência de um Deus sumamente bom e o mal natural,
- A teodiceia de Leibniz procura mostrar que o mal é apenas uma ilusão, pois faz parte da criação divina.
- Perante qualquer crença podemos ter 3 atitudes:
 1. Acreditar que Deus existe (posição do crente)
 2. Acreditar que Deus não existe (posição do ateu)
 3. Não acreditar que Deus existe nem que não existe (posição do agnóstico)